

VIAGEM DISPENSÁVEL

A "diplomacia" salazarista está criando um caso mais grave que aquele sucedido com nosso embaixador Alvaro Lins. Um embaixador da Colombia, que se recusou a dar asilo a um democrata português ameaçado pela policia politica foi alvo de tantas criticas em seu pais que o governo Lleras Camargo o chamou de volta a Bogotá. Não era para menos, pois a atitude desumana do embaixador resultou na entrega do perseguido politico aos seus perseguidores.

O governo Lleras Camargo nomeou, naturalmente, outro embaixador para Lisboa. Antes, porem, que ele chegasse para tomar posse, um outro perseguido politico, o advogado Sebastião Ribeiro, pediu asilo à embaixada. O encarregado de negocios, que podia fazer? Se o embaixador fora criticado e demittido pelo seu governo por não conceder asilo ele não quis ter a mesma sorte. Acolheu o advogado e disse deu noticia ao governo português. Quando o novo embaixador colombiano, sr. Santos Montejo, chegou e pediu audiencia para apresentar credenciais, recebeu a resposta de que a data dessa audiencia só seria marcada depois que o asilado fosse entregue às autoridades. Para não se submeter a essa exigencia odienta e acintosa o sr. Montejo pediu demissão. E está a encrenca formada.

O excesso de panos quentes com que a nossa diplomacia tratou o caso Alvaro Lins encorajou, como se vê, a ditadura salazarista. Conseguimos, é certo, a solução desejada, mas tivemos que mandar a Lisboa o secreta-

rio-geral do Itamarati, alem de dois diplomatas amadores, os srs. Carlos Lacerda e João Ribeiro Dantas. Estimamos, certamente, que as boas relações entre Brasil e Portugal não ficassem afetadas pela teimosia e intolerancia da ditadura portuguesa, mais interessada em cevar seu odio nos adversarios que em respeitar os sentimentos e tradições humanitarias de um pais amigo. Afirma-se, entretanto, que o Itamarati só obteve a solução do caso graças a uma concessão secreta e imperdoavel: a promessa de que seria recusado o visto para entrada no Brasil de outro exilado politico português atualmente na Venezuela. Será triste se isso for verdade.

O carinho que nós todos temos pela terra e pela gente portuguesa, carinho familiar, de sangue e de emoção, não justifica essas concessões aos designios odientos da ditadura salazarista. Manter boas relações com Portugal, seja qual for o seu regime, é uma coisa; contribuir, com uma culposa complacencia e escusados salamaleques a Salazar, para fortalecer esse regime, é outra.

O presidente Juscelino, cujo governo já é culpado de incompreensível apoio à ditadura paraguaia (e esse negocio de venda de armas, que há de verdade nisso?) faria melhor em cancelar discretamente sua viagem a Lisboa para que os hinos e os discursos de sua recepção não tornem mais dolorosos os gemidos dos democratas que sofrem e morrem nos carcereiros e campos de concentração da ditadura implacavel.